

“LITTLE CRIMINALS OF PERCEPTION”: HISTÓRIA E MEMÓRIA NOS NARRADORES DE *WORLD’S FAIR* E *THE BOOK OF DANIEL*, DE E. L. DOCTOROW

“LITTLE CRIMINALS OF PERCEPTION”: HISTORY AND MEMORY IN THE NARRATORS OF *WORLD’S FAIR* AND *THE BOOK OF DANIEL*, BY E. L. DOCTOROW

Marcelo Cizaurre Guirau³⁴

RESUMO: Os romances de E. L. Doctorow tocam pontos nevrálgicos da história norte-americana, sobretudo no Século XX. Em *A Grande Feira* (1985), o narrador nos leva, por suas memórias de infância, aos Estados Unidos do final da década de 30. Em *O Livro de Daniel* (1971), o narrador vasculha suas memórias de criança da Guerra Fria para reconstituir a genealogia de um desastre histórico. Nos dois casos, os narradores, Edgar e Daniel, vivem pelas mesmas ruas de Nova Iorque da infância de Edgar Lawrence Doctorow, o autor, e nelas se inquietam com os sinais de perigo que percebem debaixo da frágil casca de normalidade que os separa do abismo. Neste artigo, veremos alguns episódios de infância que são lidos pelo olhar de cada narrador como imagens eloquentes, alertas ou lições da história de seu tempo. Mediadas pela perspectiva do narrador adulto que as retoma e analisa, essas memórias de infância parecem compor, nos romances, um dispositivo narrativo que procura atar as duas pontas da História, integrando a experiência da criança, com sua percepção dos eventos em curso, à visão de conjunto do narrador adulto, que conhece os desdobramentos históricos daqueles eventos, para formar um só todo cognitivo, em que experiência, memória e análise se iluminam mutuamente.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de romance; Romance Norte-americano; E. L. Doctorow.

ABSTRACT: E. L. Doctorow’s novels touch critical points of the American History in the 20th century. In this article, we will read some childhood episodes, which are lit by the narrator’s focus in *World’s Fair* (1985) and *The Book of Daniel* (1971), as eloquent images, warnings or lesson from their present. Mediated by the adult narrator’s gaze, which remembers and dissects,

³⁴ Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo – Brasil. Realiza estágio pós-doutoral em Letras na Universidade de São Paulo – Brasil. Professor do Instituto Federal de São Paulo – Brasil. E-mail: cizaurre@ifsp.edu.br.

those childhood memories seem to compose a narrative device which aims to link the past to the present, integrating the child's experience – with its immediate perceptions of the current events – to the bird's-eye view of the adult narrator – which knows the historical outcomes of the recollected events. Together, those movements compose a cognitive whole in which experience, memory and analysis are mutually illuminated.

KEYWORDS: Novel studies; American novel; E. L. Doctorow.

1. INTRODUÇÃO: FICÇÃO COMO UM TIPO DE “HISTÓRIA ESPECULATIVA”

A obra do romancista norte-americano Edgar Lawrence Doctorow está no centro das discussões sobre os rumos do romance histórico no Século XX. Em seu conhecido ensaio “False Documents”, o autor trata a ficção como uma fonte de conhecimento sobre o mundo tão válida quando os estudos historiográficos, e chega mesmo – em manifesto tom polêmico – a aventar a superioridade daquela sobre esses:

De forma que, como um romancista tratando dessa disciplina não-ficcional em particular, eu poderia alegar que a história é um tipo de ficção na qual vivemos e esperamos sobreviver, e que a ficção é um tipo de história especulativa, talvez uma superhistória, na qual os dados disponíveis para a composição se mostram mais vastos e variados em suas fontes do que o historiador supõe³⁵ (In: TRENNER, 1983, p. 24-5).

Ao redor da polêmica declaração de Doctorow sobre uma possível vantagem epistemológica da ficção está a centralidade da história nos romances do autor³⁶. Em *A Grande Feira*, romance com grande carga de elementos

³⁵ No original: “So that as a novelist considering this particular non-fictive discipline I could claim that history is a kind of fiction in which we live and hope to survive, and fiction is a kind of speculative history, perhaps a superhistory, by which the available data for the composition is seen to be greater and more various in its sources than the historian supposes”.

³⁶ Esse aspecto da obra do autor é analisado no livro *História e forma em Ragtime, The Book of Daniel e Homer & Langley, de E. L. Doctorow*. (São Paulo: FFLCH/ USP, 2017), disponível em <http://www.spap.fflch.usp.br/node/93>

autobiográficos³⁷, as memórias do narrador estão embebidas em matéria histórica, como a Grande Depressão, o crescimento do fascismo na Europa e a Feira Mundial de 1939. Em *O Livro de Daniel*, revistamos com o narrador momentos cruciais do passado da esquerda norte-americana, dos anos 30 aos 60. Em seu livro, o narrador Daniel Isaacson alterna momentos de análise sobre questões da esquerda nos Estados Unidos – ele faz doutorado na Universidade de Columbia e está no processo de redação de sua tese – com memórias de seu passado familiar – ele é filho de um famoso casal de espões atômicos condenados à cadeira elétrica na década de 50³⁸.

O arranjo composicional de dados históricos e ficcionais nos romances de Doctorow trabalha – ao contrário do que querem as leituras que enclausuram essas obras na esponjosa noção de *metaficção historiográfica*³⁹ – a favor da criação do que ele chama, em *Creationists* (2007), de “revelatory structures of facts⁴⁰”, o que, para o autor, aproxima a literatura da ambição do método científico de desvendar a verdade das coisas⁴¹.

³⁷ Os aspectos autobiográficos desse romance são evocados em muitos dos estudos a ele dedicados. Como exemplo dessas análises, menciono os seguintes textos: HARTER, C.C., THOMPSON, J.R. E.L. Doctorow. Boston: Twayne Publishers, 1990 / MCGOWAN, T. “In this way he lost everything”: The price of satisfaction in E.L. Doctorow’s World’s Fair’, *Critique: Studies in Contemporary Fiction* 42(2), 2001, pp. 233–240. / TOKARCZYK, M.M. E.L. Doctorow’s sceptical commitment. New York: Peter Lang, 2000. / VAN DER MERWE, Philip, BEKKER, Ian. “E.L. Doctorow’s fictional autobiography: World’s Fair (1985) as a carnivalesque Bildungsroman”, *Literator*, 2015, 36(2), Art. #1181, <http://dx.doi.org/10.4102/lit.v36i2.1181>

³⁸ Esse casal ficcional é livremente inspirado na história real de Julius e Ethel Rosenberg, executados em 1953 por suposta atividade de espionagem.

³⁹ Para conhecer essa noção, ver, sobretudo, HUTCHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*. New York: Taylor & Francis e-Library, 2003 e HUTCHEON, Linda. “Historiographic Metafiction: Parody and the Intertextuality of History” In: *Intertextuality and Contemporary American Fiction*. Ed. O’Donnell, P., and Robert Con Davis. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989.

⁴⁰ “Stories, whether written as novels or scripted as plays, are revelatory structures of facts. They connect the visible with the invisible, the present with the past. They propose life as something of moral consequence”. (DOCTOROW, 2007a, Introduction)

⁴¹ “Underlying everything (...) is the writer’s belief in the story as a system of knowledge. This belief is akin to the scientist’s faith in the scientific method as a way to truth”. (DOCTOROW, 2007a, Introduction)

Nos dois romances aqui estudados, também entram no arranjo composicional elementos autobiográficos⁴². Entrelaçadas em uma relação entre ficção e confissão semelhante à detectada por Antonio Candido na obra de Graciliano Ramos⁴³, as memórias de infância do autor e dos personagens Edgar e Daniel se coadunam a eventos históricos para (re)criar um conjunto de experiências formativas a partir do qual se dá o aprendizado político dos narradores. É no confronto entre expectativas e acontecimentos, entre idealizações e percepções, entre ilusões e descobertas que esses personagens desenvolvem uma desconfiança produtiva dos fatos da vida e uma identidade política, em um movimento de choque, revelação e aprendizado parecido com o descrito por Antonio Candido em sua análise sobre a obra de Graciliano Ramos:

Uma das experiências mais duras da criança e do adolescente é o conflito entre a virtude teórica e a conduta como realmente é. Decorrem disso o sentimento de relatividade do bem e das normas em geral, que é a prova decisiva para cada um, e de onde saímos crentes, céticos, conformados, ou rebeldes. (CANDIDO, 2006, p. 87)

Em *O Livro de Daniel*, o narrador tem sua tranquilidade de infância bruscamente abreviada pela convergência entre as tensões históricas de seu tempo – sobretudo, as geradas pela Guerra Fria – e sua narrativa familiar. Quando seus pais são implicados em atos de espionagem contra os Estados Unidos, Daniel é lançado em um redemoinho de narrativas, em que sua família figura como protagonista. Dessa forma, logo cedo ele vive um confronto entre mundos construídos de palavras e sua vida, uma guerra de narrativas da qual

⁴² Para citar apenas alguns desses elementos, lembremos que o Edgar de *World's Fair*, o Daniel e o autor estudaram na mesma escola, a P.S 70; que o Edgar do romance e o autor viveram no mesmo endereço (1650 Eastburn Avenue, Bronx, NY) e Daniel bem perto (Bronx, entre a 174 e Claremont Park) e que várias narrativas sobre a loja do pai, a avó e a mãe coincidem nos romances e nos relatos autobiográficos do autor.

⁴³ CANDIDO, 2006.

depende sua sanidade e de cuja experiência deriva sua precoce formação como “pequeno criminoso da percepção⁴⁴”. Sua percepção começa a se conformar a esse estado de coisas: “Meus raciocínios procuravam ajustar minha vida e relacionamento com meu pai às palavras do jornal⁴⁵”. (DOCTOROW, 1971, p. 173)

2. O ROMANCE COMO “CÁPSULA DO TEMPO”: A GRANDE FEIRA

Em comum, os dois romances têm narradores adultos que buscam recriar, a partir de suas memórias de infância, um período da vida norte-americana repleto de sementes de consequências que eles colhem em seu presente. Em *A Grande Feira*, são recriados os anos finais de uma das décadas mais difíceis e decisivas da história recente dos Estados Unidos. No livro, a Feira Mundial de 1939 sela com uma nota otimista um período de profunda crise financeira e turbulência externa crescente. Mimetizando esse movimento, o livro termina com o personagem Edgar enterrando uma cápsula do tempo no *Claremont Park*, Nova Iorque. Copiando uma ideia que viu na Feira Mundial, Edgar deposita na cápsula artefatos culturais que, segundo sua seleção, podem contar sua história, e a de seu tempo, para um futuro distante – a cápsula do tempo da Feira, na qual ele se inspirou, foi planejada para ser aberta em 6939, seis mil anos no futuro. O personagem Edgar decide criar a sua cápsula em “um dia de outubro”, ou seja, cerca de um mês após o começo da Segunda Guerra Mundial. É como se ele já soubesse que algo estava mudando drasticamente e, por isso, sentisse uma necessidade de preservação metaforizada na cápsula do tempo. Para a narrador Edgar, adulto, as consequências daquele ano são

⁴⁴ (DOCTOROW, 2007b, p. 34). A expressão aparece no romance em pelo menos outras três ocasiões, nas páginas 30, 75 e 275 (DOCTOROW, 2007b).

⁴⁵ No original: “The operations of my mind tried to conform my life and my relationship with my father to the words of the newspaper”. (DOCTOROW, 2007b, p. 161)

conhecidas, de forma que lhe é impossível contar essa história do ponto de vista virgem de consequências a partir do qual o menino Edgar concebe sua cápsula. Dessa forma, o próprio romance se torna uma cápsula do tempo⁴⁶, mas alterada e recheada de tensões que o olhar retrospectivo do narrador, testemunha da história, inevitavelmente lhe planta. Vejamos alguns exemplos desse movimento no romance.

Enquanto as névoas da guerra cresciam ao seu redor⁴⁷, o menino Edgar sente-se seguro, como muitos norte-americanos de seu tempo, longe do campo de batalha: “Para mim, a Guerra era algo muito distante. Não me sentia pessoalmente ameaçado⁴⁸”. (DOCTOROW, 1988, p. 180) No entanto, sinais de que essa segurança não é tão sólida se imiscuem nas fantasias infantis do personagem:

Mas era o Sandman japonês que me preocupava mais, a ideia de um homem de areia que nos podia fazer dormir quando quisesse sempre me impressionou, aquele arremessar de areia que tornava pesadas as pálpebras e roubava toda nossa volitiva não me agradava. Além disso, o fato de o homem de areia ser japonês não melhorava as coisas. Nas minhas figurinhas do chiclete de bola soldados japoneses com dentes enormes e sorrisos sarcásticos, nos seus uniformes verdes, apareciam exterminando o povo da Manchúria com metralhadoras. Ou saltando sobre trincheiras com as baionetas nas pontas dos rifles. Não jogavam grãos mágicos de areia, mas pura chama vermelha e alaranjada da boca dos lança-chamas.⁴⁹ (DOCTOROW, 1988, p. 134)

⁴⁶ O projeto do narrador de recuperar a atmosfera histórica que rodeou a sua infância e o sentido de “cápsula do tempo” do romance é reforçado pela presença de cartas ficcionais dos personagens para o narrador Edgar. Essas cartas são reproduzidas no romance como se fossem respostas a questionamentos de Edgar sobre seu passado. Assim, temos cartas-respostas de Donald (seu irmão), Rose (sua mãe) e tia Frances.

⁴⁷ “In the movies on Saturday afternoons, after the cartoons, the Fox Movietone newsreels showed scenes from the war in Europe...” (DOCTOROW, 2007c, p. 195) / “The war was talked about everywhere and shown in pictures.” (DOCTOROW, 2007c, p. 195)

⁴⁸ No original: “I did not think the war was anything but far away. I did not feel personally threatened.” (DOCTOROW, 2007c, p. 196)

⁴⁹ No original: “But it was ‘Japanese Sandman’ that gave me the worst time, the idea of a sandman who could put you to sleep as he chose had always bothered me, that casting of grains that made your eyelids heavy and robbed you of volition was a magic I didn’t like to

Obviamente, o pequeno Edgar não poderia vislumbrar, de seu lugar no tempo, o inesperado ataque a *Pearl Harbor*, que traria o teatro de guerra perigosamente para perto de casa e fragilizaria a posição de neutralidade dos Estados Unidos. Para o narrador Edgar, no entanto, essas memórias de menino estão repletas de ameaças premonitórias. Ele não pode se esquecer do ataque japonês ao seu país e, dessa forma, não pode desinvestir a memória de infância do *Sandman* aqui reproduzida de uma certa atmosfera de perigo iminente. Temos, assim, a intersecção no trecho de dois planos temporais: as memórias do menino Edgar são recolhidas pelo Edgar adulto e, filtradas por sua perspectiva da história, são reinterpretadas por uma espécie de clarividência retrospectiva, ou *hindsight*⁵⁰ narrativo, que as investe de futuro.

Um perigo mais palpável rondava o menino judeu Edgar: “Um garotinho que frequentasse a escola hebraica viveria em infindáveis círculos concêntricos de perigo, que começavam no parque e se estendiam por toda a terra⁵¹.” (DOCTOROW, 1988, p. 96) Além do antissemitismo doméstico, as notícias que chegavam do destino dos judeus na Europa anunciavam um mundo ameaçador para esse povo. Sensível observador de seu meio, Edgar capta os sinais da catástrofe que se desenhava no horizonte histórico:

contemplate. Added to that, the fact that the Sandman was Japanese was especially worrisome. On my bubble gum cards very toothy leering Japanese soldiers in green uniforms were machine-gunning Manchurian civilians. They were leaping over trenches with bayonets affixed to raised rifles. They cast not magic sleep grains but pure red and orange flame from the mouths of flamethrowers”. (DOCTOROW, 2007c, p. 144)

⁵⁰ Noção sem equivalente certo em português. O termo é definido no dicionário Cambridge como a “habilidade de entender um evento ou uma situação apenas depois do ocorrido. <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english-portuguese/hindsight>

⁵¹ No original: “A little boy who went to Hebrew school would live in endlessly concentric circles of danger, beginning with my park and rippling out over the globe.” (DOCTOROW, 2007c, p. 101)

Agora eram mais frequentes as visitas dos velhos homens de preto que usavam os xales de oração sobre os sobretudos e levavam cartas dos rabis e credenciais das yeshivahs. Agora eram convidados a entrar. Minha mãe os recebia na sala e servia chá. Eles contavam histórias em voz baixa ou falavam só em iídiche, assim, minha escuta clandestina não conseguia obter nada de específico. Mas eu começava a pegar o sentido das coisas. Finalmente, um deles falou bastante inglês para que as coisas se esclarecessem:

_ As kinder são enxotadas das escolas, portanto não podem ir. E os negócios dos pais são tomados deles. Aos poucos. E na rua eles os ofendem, os pagãos de camisas pardas, e cospem neles. E eles têm de se apresentar à polizei. Milhares estão deixando o país, madame. Seus lares, seu meio de vida acabaram. Tudo acabou. Para a Palestina, em navios, mas para qualquer lugar! Para onde podem ir? O que podem fazer?⁵² (DOCTOROW, 1988, p. 95)

Em 1939 – ano em que a narração se desenvolve – os judeus americanos traziam notícias alarmantes da Europa. No entanto, só algum tempo depois as terríveis imagens do holocausto entraram na consciência coletiva mundial. A ciência desse fato pelo Edgar que escreve a narração ressoa premonitoriamente nessa memória de sua infância: “Mas eu começava a pegar o sentido das coisas”.

A percepção de crises, aguçada no personagem Edgar pelo momento histórico turbulento, confunde-se com a perspectiva futura do narrador adulto, formando uma consciência crítica que simultaneamente ativa a memória da tensão anterior à crise (perspectiva do Edgar criança) e a ilumina com o conhecimento real de sua extensão e dano. Confundidos na narração, o menino e o adulto Edgar perscrutam os rastros do desastre (futuro e passado, respectivamente). Assim, em um café da manhã em família, de dentro da

⁵² No original: “More frequently now there came to the front door the old men in black who wore their prayer shawls under their coats and carried letters from rabbis and credentials from yeshivas. Now they were invited in. My mother sat them in the parlor and gave them tea. They told their stories in hushed tones or spoke only in Jewish, and so my eavesdropping didn’t yield anything that specific. But I was getting the gist of things. And finally one man spoke enough English to make it clear. “The kinder from the schools are pushed, so now they can’t go. And the business of the fathers are taken from them. Little by little. And in the street they revile them, the brownshirt heathen, and spit on them. And to the polizei they must report. Thousands are leaving, Missus. Their homes, their livelihood is gone. All of it gone. To Palestine, on boats, but anywhere! Where can they go! What can they do!” (DOCTOROW, 2007c, p. 100)

segurança do lar, Edgar, entre uma colher e outra de mingau de aveia, é apresentado ao aprofundamento da crise econômica em casa e ao crescimento do nazismo na Europa:

Fiquei sabendo que meu pai havia perdido a loja numa manhã em que nos encontramos na hora do café. Ele estava alegre.

– Como vai, jovem? – disse.

Tinha levado para casa um rádio que não precisava ser ligado na eletricidade. Funcionava com pilha. Era recoberto com couro de crocodilo e tinha uma alça de couro. Parecia uma maleta e bastava ligar que o mostrador se iluminava como um rádio comum. Podia ser levado para qualquer parte, à praia, a piqueniques, mas achei que era muito pesado. Então notei uma caixa de papelão com muitas caixinhas de agulhas e um microfone, do tipo usado nas estações de rádio, só que não era fixo na base. E finalmente, uma pilha de discos em envelopes verdes. Alguns eram antigos, com sulcos só de um lado.

– São discos raros de Caruso e Gigli – disse meu pai. – Se os guardarmos por mais algum tempo terão muito valor.

Enquanto eu comia meu mingau de aveia ele abriu o jornal e eu vi as manchetes. A outra má notícia era que Hitler invadira a França⁵³. (DOCTOROW, 1988, pp. 198-199)

Em meio a digressões e descrições sobre os inusitados objetos trazidos pelo pai – sinal inequívoco do declínio econômico da família – salta à consciência infantil a crueza de uma realidade que se impõe sombriamente em casa – na situação financeira da família – e fora – na tomada da França por pelos nazistas.

⁵³ No original: “I found out that my father had lost his store one morning when I met him at the breakfast table. He was cheerful. “How are you, young man,” he said. He had brought home a radio that you didn’t have to plug in. It worked on a battery. It was covered in alligator skin and had a leather carrying handle. It was like a small suitcase and you flicked the switch and it lit up on the dial just like a regular radio. You could carry it anywhere, to the beach or picnics, but I found it heavy. Then I noticed a cardboard box with many packets of needles and also a microphone, the kind used by radio stations, except that it wobbled on its base. And finally there was a pack of records in green envelopes. Some of them were old with grooves only on one side. “These are rare recordings by Caruso and Gigli,” my father said. “If we hold on to them long enough they’ll be valuable.” While I ate my oatmeal he opened his newspaper. I saw the headlines. The other bad news was that France had fallen to Hitler”. (DOCTOROW, 2007C, p. 217)

Como uma cápsula do tempo recuperada, o romance busca recriar uma atmosfera pré-Segunda-Guerra-Mundial (o próprio título reforça esse propósito). Evoca, para isso, o trabalho da memória (do autor e do narrador, que se confundem na obra). Há, no romance, lembremos, cartas escritas por parentes do narrador como que respondendo a perguntas feitas por ele sobre o passado. Esses textos aparecem entre os capítulos, destacados deles pela não numeração e por trazer como título apenas o nome do autor. São como inserções de memórias diversas que criam um ar de reconstrução do passado de uma época para além da visada pessoal do narrador.

O dispositivo narrativo do romance se arma nessa dupla temporalidade: a infância de Edgar e a atmosfera de seu tempo (o plano temporal do final dos anos 30) e a perspectiva do presente do narrador, a qual emerge no texto como uma espécie de nuvem premonitória que paira sobre a cabeça do pequeno Edgar e é reforçada pela presença das cartas. Nesse dispositivo, há o trabalho da história, que opera em uma perspectiva mais ampla, criando relações de causa e consequência entre fatos aparentemente desconexos e promovendo a intersecção entre o plano da experiência individual (campo primeiro da memória) e da coletiva.

3. O ROMANCE COMO UMA “SEQUÊNCIA DE ANÁLISES⁵⁴”: O LIVRO DE DANIEL

Nesse romance, vários episódios lembrados pelo narrador são versões ficcionais de fatos históricos. Assim, algumas de suas memórias de infância coincidem com episódios marcados na memória coletiva, como os conflitos de Peekskill e o julgamento de seus pais, amplamente inspirado no caso Rosenberg.

Em meio a agitação política dos anos 60, Daniel Isaacson tenta escrever sua tese de doutorado na biblioteca da Universidade de Columbia. O cenário escolhido para a composição da narrativa é, não coincidentemente, o campo de batalha preferencial da Nova Esquerda Norte-americana. A universidade como instituição foi alvo da revolta de estudantes nos protestos de Maio de 68 na França. Já em abril do mesmo ano, a Universidade de Columbia havia sido tomada por estudantes em um movimento liderado pela SDS⁵⁵ e que, para muitos, representou o começo de uma virada a qual levaria a Nova Esquerda a se desintegrar em grupos com posições inconciliáveis.

Além da tensão política do momento, um importante acontecimento familiar desvia Daniel de sua tese e o reorienta para essa grande “sequência de análises” político-afetiva que é esse romance: o suicídio de sua irmã Susan. Ela, estudante de Harvard, militante da SDS e envolvida com a criação da “Fundação

⁵⁴A expressão aparece no romance em um momento adiantado da narrativa, quando Daniel se encontra emaranhado nos fios de memória e história com os quais tenta compor o seu livro: “Um melancólico reconhecimento daquele instante no tribunal, em suas vidas. E ficou abismada ao ver que a mensagem não era a de um traidor. O romance como uma sequência de análises. Mas, que dizer do carrasco? Um homem tranquilo e respeitável, agora aposentado. Seu nome está no catálogo telefônico de Yonkers. não, não de um traidor suplicando perdão...” (DOCTOROW, 1871, p. 293)

No original: “A wry acknowledgment of this moment in the court room, in their lives, and she was to read in it the message not of a betrayer the novel as a sequence of analyses. But what of the executioner? A quiet respectable man, now retired. He is in the Yonkers phone book no not as betrayer begging forgiveness...” (DOCTOROW, 2007b, p. 281)

⁵⁵ Sigla em inglês para *Students for a Democratic Society*. Foi o maior e mais influente grupo de estudantes de esquerda atuando nos anos 60. Teve uma participação importante no fechamento da Universidade de Columbia em 1968. Cf. <http://www.sds-1960s.org/>

Isaacson para a Revolução” morre, segundo Daniel, de uma “falha de análise⁵⁶”. O diagnóstico do caráter traumático da política para Susan é feito, também, por seu psiquiatra: “A expressão política comum era bastante difícil para ela – falou Duberstein. – A dissensão era traumática. É compreensível, afinal. Ela mordida mais do que podia engolir⁵⁷. (DOCTOROW, 1971, p. 35). Susan, militante da Nova Esquerda (*New Left*), tenta, em vão, reavivar o legado de seus pais, militantes da Velha Esquerda (*Old Left*) no novo contexto político. Sua morte é repleta de conseqüências alegóricas no enredo. Daniel, visto por sua irmã como um “retardado político” (DOCTOROW, 1971), vasculha suas memórias em busca do sentido do engajamento político de Susan, de seus pais e do seu próprio. Em vez de uma tese, Daniel nos dá uma ampla análise político-afetiva de momentos cruciais da história da esquerda norte-americana. Assim ele encerra o seu livro:

Livro de Daniel: Uma vida submetida em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do título de doutor em Biologia Social, Entomologia Bruta, Anatomia Feminina, Cacofonia Infantil, Demonologia Arcaica, Escatologia e Poluição Termal⁵⁸.

Para entender as origens do engajamento político fatal de sua família, do qual só ele sobreviveu, Daniel recorre a suas memórias. Ele nos conta como o seu pai lhe preparava para enfrentar o mundo:

Lembro-me de seus sermões. Queria que eu me criasse direito. Combatia a sociedade para defender a minha alma. Trabalhava-me

⁵⁶ “My sister is dead. She died of a failure of analysis”. (DOCTOROW, 2007b, p. 301)

⁵⁷ No original: “Ordinary political expression was difficult enough for her,’ Duberstein said. ‘Dissent was traumatic. It’s understandable after all. She bit off more than she could chew” (DOCTOROW, 2007b, p. 26).

⁵⁸ Minha Tradução. No original: “Daniel’s Book: The A Life Submitted in Partial Fulfilment of the Requirements for the Doctoral Degree in Social Biology, Gross Entomology, Women’s Anatomy, Children’s Cacophony, Arch Demonology, Eschatology, and Thermal Pollution”. (DOCTOROW, 2007b, p. 302)

para combater as más influências da minha cultura. Era este o nosso relacionamento: ele me ensinava a ser um alienígena psíquico.⁵⁹ (DOCTOROW, 1971, pp. 43-44)

Nessa colcha de retalhos memorialísticos, analíticos, históricos e filosóficos que é a narração de Daniel, suas lembranças estão permeadas de análises que tentam costurar os períodos de sua vida – e, por extensão alegórica, das gerações da esquerda norte-americana – em um todo compreensível. Dessa forma, ele percebe, na maneira de ver o mundo que seu pai tentava lhe legar, o perigo da dissidência que, posteriormente, iria destruir sua família: “ele me ensinava a ser um alienígena psíquico”.

Na forma como Daniel relata o pensamento de seu pai, há um tom de descrédito que insinua a distância entre as gerações da esquerda norte-americana. Isso se dá, no romance, por acumulação, mas podemos vislumbrar algo desse aspecto da narrativa no trecho a seguir:

Falou-me de Sacco e Vanzetti. Dos rapazes Scottsboro. Subia e descia a História como um pianista tocando escalas. Lia para mim fatos e cifras da exploração econômica, da escravidão nos séculos dezoito, dezenove e vinte. Reunindo todas as injustiças históricas, mostrava-me a configuração, dizendo que tudo o que acontecera era inevitável, segundo a análise marxista⁶⁰. (DOCTOROW, 1971, p. 45)

Como um “pequeno criminoso da percepção”, batizado politicamente pela experiência brutal do julgamento e execução dos pais, Daniel imprime a

⁵⁹ No original: “What I remember is the lectures. He wanted me to grow up right. He wrestled society for my soul. He worked on me to counteract the bad influences of my culture. That was our relationship – his teaching me how to be a psychic alien”. (DOCTOROW, 2007b, p. 34)

⁶⁰ No original: “He told me about Sacco and Vanzetti. About the Scottsboro boys. He ran up and down history like a pianist playing his scales. Reading to me the facts and figures of economic exploitation, of slavery in the eighteenth, nineteenth, and twentieth centuries. Putting together all the historic injustices and showing me the pattern and how everything that happened was inevitable according to the Marxian analysis”. (DOCTOROW, 2007b, p. 35)

suas memórias de infância uma expansão analítica que se deve a uma associação da agudeza perceptiva do menino ao rigor de análise do adulto. Assim, o narrador recolhe de suas memórias episódios em que percebe, da sua perspectiva temporal avançada, os germes da catástrofe. Isso ocorre, por exemplo, na excursão que Daniel, seus pais e um grupo grande de amigos da família fazem até Peekskill, uma pequena cidade próxima à Nova Iorque, para assistir a um show de Paul Robeson, um artista negro e comunista. Na volta para casa, a caravana que o ônibus de Daniel segue é cercada e apedrejada por uma multidão enfurecida:

Voando com as pedras, como notas ligadas a elas por cordas, as palavras judeuzinho, comunistinha bastardo, judeu comunistinha, vermelho. Eu escuto atentamente. Judeu. Comunistinha. Vermelho. Preto. Judeuzinho. Amante de preto. Vermelho. Judeu bastardo. Essas palavras eram bravejadas. As pedras, algumas delas tão grandes quanto a minha cabeça, eram impulsionadas por intenções educativas. “Nós vamos lhes dar uma lição!”, gritavam as vozes enraivecidas. “Isso vai lhes ensinar, seus judeuzinhos comunistas bastardos!”⁶¹ (DOCTOROW, 1971,p. 59)

A fúria do protesto anti-comunista apresenta para o menino Daniel a onda de “medo vermelho” (*Red Scare*) que crescia naquele momento e que iria tragar seus pais:

Estou apavorado. A lembrança de minha avó sugeriu um novo sentido para as suas famosas pragas – não são o delírio de uma velha louca e sim a exata e poderosa intromissão de medidas de desgraça nas nossas

⁶¹ No original: “Flying in with the rocks, like notes tied to them with string, the words kike, commie bastard, jew commie, red. I listen carefully. Jew. Commie. Red. Nigger. Bastard. Kike. Niggerlover. Red. Jew bastard. These words are shouted. The rocks, some of them as big as my head, are propelled by the motives of education. ‘We’ll teach you!’ The enraged voices cry. ‘This will teach you, you commie bastard kikes!’”. (DOCTOROW, 2007b, p. 49)

vidas. O ônibus oscilava. Vamos todos morrer. Meu coração pulsa furiosamente...⁶² (DOCTOROW, 1971, p. 60)

Os conflitos de Peekskill, que de fato aconteceram em 1949, marcaram historicamente o início do período de caça às bruxas que em breve se intensificaria com o macarthismo. Ao pavor do menino, o narrador acrescenta a premonição retrospectiva de que ali algo grave e brutal estava surgindo, de que aquele evento marcava “a exata e poderosa introjeção de medidas de desgraça nas nossas vidas”.

Sitiados dentro do ônibus, Daniel, sua família e todo o grupo de amigos que se arriscou a desafiar a onda fascista emergente naquele momento nos Estados Unidos estão paralisados de medo. De repente, o pai de Daniel se levanta e protagoniza uma das memórias políticas mais fortes do narrador: Paul caminha calmamente até a porta do ônibus, tenta abri-la para chamar a atenção de um policial que está por perto e, nessa tentativa, tem seu braço quebrado pela multidão furiosa que o aguardava fora do veículo. O episódio é lembrado vivamente por Daniel, mas um gesto do pai ganha relevo na memória do narrador por sua carga simbólica e potencial premonitório – as quais certamente escaparam ao menino no momento da crise, mas não ao narrador adulto, que, recordando essa forte emoção em tranquilidade, como na definição de poesia de Wordsworth⁶³, e escrevendo já distanciado no tempo dos acontecimentos que levaram a execução de Paul, é capaz que carregar a memória de infância de simbolismo e premonição:

⁶² No original: “I am in an intoxication of fear. The thought of my grandma has suggested a new meaning of her famous curses – not as the rantings of an old madwoman, but the exact and potent introjections of measures of doom into our lives. The bus is rocking. We are all going to die. My heart beats furiously...” (DOCTOROW, 2007b, p. 50)

⁶³ William Wordsworth, em suas *Lyrical Ballads*, define assim a poesia: “Poetry is the spontaneous overflow of powerful feelings: it takes its origin from emotion recollected in tranquility”. (COLERIDGE; WORDSWORTH, 1963.)

Mas eu jamais esquecerei a tranquila ferocidade de sua decisão ao dobrar os óculos contra o peito e entregá-los a Mindish. Não poderia esquecer o compromisso naqueles olhos absurdamente nus; ou no gesto, o sacrifício revolucionário planejado, calmamente vivido...

Bukharin apresentou uma defesa muito interessante no seu julgamento, durante o expurgo de 1938. Confessou-se culpado e insistiu em afirmar por diversas vezes sua responsabilidade no total de crimes cometidos pelo bloco de réus “direitistas e trotskistas”, dos quais era considerado líder. Concordou, veemente, ser culpado de conspiração, traição e contra-revolução. E, tendo-o reconhecido, foi uma exceção, no decorrer do julgamento, a cada acusação específica feita contra ele. Pressionado para depor segundo o especificado, conseguiu, ainda assim, indicar com sugestões peculiares, características das vozes soviéticas sob o governo de Stalin, que ele e a Rússia estavam sendo vitimados. E que vantagem resultaria para ele senão o fato de se ter transformado num herói de romance e na imagem de melancólica nobreza dos soviologistas?⁶⁴ (DOCTOROW, 1971, p. 63)

História e memória são evocadas pelo narrador na tentativa que construir a “sequência de análises” que resultará no romance. A sobreposição do relato sobre o gesto de Paul e da estratégia de defesa suicida de Bukharin cria uma ligação, cheia de consequências, entre os dois: em um primeiro nível superficial, liga a ação de Paul ao contexto das lutas revolucionárias; liga, também, o relato do drama familiar do narrador ao plano mais amplo da história, criando aquela intersecção dos planos individual e coletivo que define o Romance Histórico Clássico; num nível mais elaborado – considerando o

⁶⁴ No original: “But I could not forget the calm ferocity of his decision, folding his glasses against his chest and handing them to Mindish. I could not forget the commitment in his absurdly naked eyes; or in his act, the quality of calmly experienced, planned revolutionary sacrifice.

Bukharin provided the most interesting defense of the Purge Trial of 1938. He pleaded guilty and went out of his way on several occasions to affirm his responsibility for the sum total of crimes committed by the defendant block of “rightists and Trotskyites,” of which he was considered a leader. He vehemently agreed that he was guilty of conspiracy, treason, and counterrevolution. And having agreed, he took exception during the trial to every specific charge brought against him. Under duress to testify on cue, he nevertheless contrived to indicate with the peculiar kind of overtone characteristic of Soviet voices under Stalin, that he and Russia as well were being victimized. And what good did it do him except that he became a hero in a novel and an image of sorrowful nobility to Sovietologists”. (DOCTOROW, 2007bp. 52)

romance como um todo –, o comentário final de Daniel sobre a estratégia de Bukharin expressa seu ceticismo geral em relação às ações de engajamento radical e comenta particularmente a inutilidade do sacrifício do pai, que será eletrocutado em nome de algo que Daniel tenta compreender durante todo o romance.

4. CONCLUSÃO: RELEITURAS DO PASSADO

Nos dois romances aqui apresentados, temos narradores que evocam um período da história norte-americana por meio de suas memórias de infância. Nos dois casos, essas memórias habitam períodos que estão entre grandes crises: o tempo da narração em *A Grande Feira* está entre a Grande Depressão dos anos 30 e o começo da Segunda Guerra Mundial; em *O Livro de Daniel*, temos a infância do narrador entre o final da Segunda Guerra Mundial e o auge da Guerra Fria, com o *Red Scare* e o macarthismo.

Do ponto no tempo de onde narram, Edgar e Daniel não podem, e não desejam, ignorar os desdobramentos macabros do antissemitismo, em um caso, e do *Red Scare*, no outro. O passado que eles recolhem de suas memórias de infância é, dessa forma, uma pré-história do presente, como na concepção do romance histórico clássico de Lukács (2000). Como o anjo da história de Benjamin, esses narradores têm seu rosto virado para o passado, enquanto uma tempestade os “impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele[s] vira[m] as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu.” (BENJAMIN, 1994, p. 226)

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão – Ensaio sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COLERIDGE, Samuel Taylor; WORDSWORTH, William. *Lyrical ballads*. London: Methuen, 1963.

DOCTOROW, Edgar Lawrence. *A Grande Feira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Tradução de Aulyde Soares Rodriguês e João Moura JR.

DOCTOROW, Edgar Lawrence. *Creationists – selected essays (1993-2006)*. New York: Random House, 2007a.

DOCTOROW, Edgar Lawrence. “False Documents” In: TRENNER, Richard. *E.L. Doctorow – Essays and Conversations*. Princeton, New Jersey: Ontario Review Press, 1983.

DOCTOROW, Edgar Lawrence. *The Book of Daniel*. New York: Random House, 2007b.

DOCTOROW, Edgar Lawrence. *O Livro de Daniel*. Rio de Janeiro: Record, 1971. Tradução de Áurea Weissenberg.

DOCTOROW, Edgar Lawrence. *World's Fair*. New York: Random House, 2007c.

LUKACS, Georges. *Le Roman Historique*. Paris: Payot, 2000.

Recebido em 13/09/2019.

Aceito em 21/11/2019.